

Seção de abertura do VII Colóquio Nacional de Filosofia da História

Maria das Graças de Souza (USP)

Fiquei feliz em poder falar nessa cerimônia de abertura. Eu deverei falar também amanhã durante a outorga do título de professor emérito (que, aliás, me agradou muito, porque, olhando agora minha carreira na universidade, eu a vejo como uma trajetória como professora mesmo). Mas amanhã a cerimônia será mais formal, haverá outros homenageados, e aqui, mais entre nós, eu posso falar mais informalmente.

No livro I de *Dos benefícios*, Sêneca nos oferece uma interpretação singular do mito das três graças, tão ricamente representado na pintura e na escultura desde a antiguidade (a que eu mais gosto é a de Botticelli) e que podem ilustrar essa ocasião Além da brincadeira com meu nome. Normalmente as traduções dessa obra de Sêneca dão *De beneficiis* como *Dos benefícios*. Independente do termo técnico utilizado nas traduções, *beneficium* remete igualmente a um privilégio, um dom, uma honraria, tal como a homenagem que eu recebo hoje dos colegas da Universidade Federal de Sergipe.

Voltemos às três graças: três moças de mãos dadas, que sorriem uma para a outra. A primeira, diz Sêneca, representa aquela que oferece a dádiva, a segunda, a que a recebe, a terceira, a que a retribui. Elas entrelaçam as mãos, ou, em algumas de suas representações, estão com as mãos no ombro uma da outra, formando uma roda, ou um círculo, ou uma ciranda, porque o benefício forma uma corrente, e, passando de mão em mão, volta àquele que o concedeu. A primeira inaugura a corrente: ela oferece. A terceira fecha a corrente: ela retribui. O semblante das três é alegre, como normalmente o tem aquele que oferece e o que recebe. São jovens, porque a lembrança dos benefícios não deve envelhecer; suas roupas são transparentes, porque os benefícios não temem os olhares (DB. I, III, 4-5).

Trata-se, continua Sêneca, de uma fábula entremeadada de lições; ensina aos homens a oferecer, a receber e a retribuir de bom grado, de coração (DB. I, III, 3). Oferecer uma honraria é um ato que proporciona alegria; o mais importante não é a coisa oferecida, mas a intenção da oferta; o dom não consiste no que é dado, mas está nos sentimentos, sem mais, daquele que dá (DB, I, VI, 1) Da parte daquele que recebe, diz Sêneca, é preciso aceitar o presente com alegria, manifestando nossa satisfação, para que o autor do presente possa bem constatar-la, pois é motivo de alegria ver o contentamento de um amigo e motivo ainda maior por saber que se é a causa dessa satisfação. Escreve o filósofo ao final do parágrafo: “Façamos com que apareça todo o nosso prazer em receber, deixando transbordar os nossos sentimentos; saibamos manifestar esses sentimentos, não somente na presença de um amigo, mas em todo lugar (DB. II, XXII).

Minhas relações de cooperação acadêmica e de amizade com os colegas da Universidade Federal de Sergipe se iniciaram há bastante tempo, quando o Professor Antônio Carlos dos Santos tornou-se meu orientando de doutorado. De lá até hoje, nossos laços foram se fortalecendo, do ponto de vista acadêmico mas também do ponto de vista afetivo. Primeiramente, por meio de novas orientações de tese de alunos vindos de Aracaju: Vladimir Mota, Filino Carvalho Neto; em seguida, recém-doutores formados sob minha orientação foram aprovados em concursos e tornaram-se professores da UFS: Antonio José Pereira Filho, Thomaz Kawauche, Marcos Balieiro (que foram meus alunos desde o primeiro ano da graduação) e Evaldo Becker, que embora não tenha sido meu orientando de doutorado, fez pós-doutorado sob minha supervisão antes de vir lecionar na UFS e eu pude acompanhar de perto sua trajetória. O Professor Edmilson Menezes assim como o professor Antonio Carlos dos Santos também fizeram na USP seu estágio de pós-doutorado sob minha supervisão.

Sempre fui um pouco temerária ao aceitar para orientação de mestrado e doutorado trabalhos cujos temas eu não dominava inteiramente, mas que me interessavam e aos quais não pude resistir. É certo que eu me obrigava a certos limites: do renascimento até o século XVIII, ética e filosofia política. Não mais. Mas, no interior desse horizonte, razoavelmente limitado, havia sempre autores e temas sobre os quais eu não havia feito pesquisas nem publicado. Nas minhas orientações dos pós-graduandos que vieram de Sergipe, alguns dos trabalhos desenvolviam pesquisas muito próximas das minhas: o Voltaire trabalhado pelo Vladimir, o Rousseau, do mestrado do Filino, dos trabalhos do Thomaz e do Evaldo. Mas de resto, eu me pus a estudar com os orientandos

os temas que haviam escolhido. É o caso do Vico, do Antônio José Pereira Filho, do Hume, do Marcos Balieiro, do Montesquieu, do doutorado do Antônio Carlos, da parte relativa ao século XVII do trabalho de pos-doutorado do Edmilson. Todos esses trabalhos foram levados a termo com êxito. Como o processo foi de formação simultânea para mim e para os orientandos, ele se deu de forma muito viva, houve influências recíprocas, e, assim espero, foi resguardada inteiramente a liberdade do pós-graduando. De minha parte, devo dizer que eu só aprendi com esses alunos, hoje jovens colegas: ampliei o meu leque de questões, incluí novas perspectivas na análise dos clássicos, corrigi algumas leituras e me tornei mais avisada intelectualmente. Sou grata a vocês, por terem aceitado os meus limites iniciais, e apostado nesse trabalho efetivamente conjunto de orientador e orientando. Sem saber, segui a máxima que está no *De natura deorum* de Cícero segundo a qual “a autoridade dos que ensinam na maior parte das vezes prejudica os que querem aprender” (DND, I, V).

Simultaneamente, passei a participar de várias atividades de pesquisa e orientação junto ao departamento de Filosofia da UFS, sobretudo das atividades do GT Filosofia da História e Modernidade. Acompanhei de perto a instalação do programa de mestrado. Recentemente, levamos a termo o acordo Promob/Capes/Fapitec, que permitiu estágios de curta duração de professores e alunos do programa da UFS no departamento de Filosofia da USP, além da vinda de professores da USP à UFS, para ministrar cursos e conferências. Cabe também dizer que passei a participar de bancas e outras atividades promovidas pelo programa de pós-graduação Prodepa, no qual hoje também tenho amigos. As questões relativas ao meio ambiente me interessavam de início apenas de forma amadora, não profissional. A área era, academicamente falando, inteiramente nova para mim, e essas atividades me deram a ocasião de aprender muito.

Assim, esses laços e amizade e de cooperação acadêmica criados e fortalecidos durante todos esses anos fazem com que eu, já há um certo tempo, me sinta em casa na Universidade de Sergipe. A outorga do título de professor *honoris causa*, que muito me honra, torna agora oficial essa experiência e esse sentimento de me sentir em casa na UFS.

Sigo, então, o que Sêneca sugere: aceito a honraria com alegria. No mito das três graças, interpretado por Sêneca, as duas primeiras figuras são o dom e a aceitação. A terceira, o reconhecimento e a retribuição. O sentimento de gratidão é conforme ao bem. Segundo Paulo Veyne, o *Dos beneficis* é um tratado sobre a gratidão. Ele mesmo nota, na

introdução de sua edição francesa de *Dos benefícios*, que Sêneca “faz da gratidão a condição de uma colaboração duradoura entre os indivíduos” (p. 400).

Eu queria dizer, então, nessa ocasião tão importante para mim, que sou muito grata a todos os colegas da UFS com quem tenho trabalhado. Digo também que continuo à inteira disposição de vocês para projetos de colaboração nos quais eu possa contribuir. Vamos certamente fazer ainda muitos trabalhos juntos. Mas sobretudo eu queria saudar a todos vocês, celebrar nossa amizade com todo afeto do mundo. Muito obrigada.

Obrigadíssima.